



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Paulina Sodatelli Moretto FG175

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.011.SIN e TRA

Entrevistado/a: Paulina Sodatelli Moretto

Entrevistador/a/es: José Teodoro

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 05 de setembro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Origem familiar, profissão, história de vida.

A participação nas atividades da igreja Nossa Senhora de Lourdes. A religiosidade como testemunho de vida.

A força da religião entre os primeiros imigrantes italianos, a solidariedade.

A educação e a prática religiosa na vida familiar. Ensinamentos religiosos: fé, orações, mandamentos. O costume de rezar o terço em família.

Primeira Comunhão: preparação, o dia da Primeira Comunhão.

A participação dos pais de Paulina nas obras da igreja: construção, festas. A presença da igreja na vida familiar. A importância dos padres junto às famílias. O hábito de ir às missas. A força da religião na vida das pessoas.

As missas em latim. A importância da missa de domingo. Religiosidade: considerações.

As atividades de domingo na família: o hábito de receber visitas.

A festa do padroeiro de São Marcos. A participação da comunidade nas festas do padroeiro.

A participação da mulher nas atividades da igreja.

Transcrição:

Teodoro: O seu nome.

Paulina: Paulina Sodatelli Moretto.

Teodoro: Data de nascimento?

Paulina: Eu nasci em três de junho de 1912.

Teodoro: Filiação, nome de seus pais?

Paulina: José Soldatelli e Rosa Peliser Soldatelli.

Teodoro: Local de nascimento?

Paulina: São Marcos.

Teodoro: Profissão da senhora?

Paulina: De solteira eu era professora municipal e agora eu sou do lar.

Teodoro: Religião?

Paulina: Graças a Deus, Católica Apostólica Romana.

Teodoro: Seus pais eram religiosos?

Paulina: Sim, muito, graças a Deus.

Teodoro: Que imagem de Deus os pais transmitiam aos filhos?

Paulina: A imagem que eles nos transmitiam, naquele tempo, era mais a de um Deus..., nunca nos assustavam com a presença de Deus. Deus era bom, era criador, era o dono de tudo. Deus Pai e Criador.

Teodoro: Como os pais ensinavam a religião aos filhos?

Paulina: Ensinavam, através das orações, nas orações e com muito exemplo de vida. Nós nos espelhávamos muito na vida dos pais. Aquilo para nós era o ensinamento da religião. Mas os meus pais, apesar da mãe ser analfabeta, o pai já sabia ler e escrever, mas eu não sei como é que eles tinham bastante conhecimento da religião com tão pouca cultura.

Teodoro: O que representava a religião para os imigrantes e seus descendentes?

Paulina: Ah, a religião..., representava uma força. Uma força para eles, uma força de união para a família. Uma força de apoio para a comunidade. Porque aquele que era bom católico, praticamente, ele se interessava com os vizinhos, com os doentes, com a comunidade, com todos, viu. Eu lembro que, por exemplo, quando a gente matava um porco, eles faziam uma porção de pedaços porque eles dividiam com os vizinhos, um pedaço para um, para outro, para outro e mais outro. Mas, também, os outros, quando matavam um porco, também traziam um pedaço. Então, aquilo era vida de comunidade. E aquele é um exemplo que marca muito.

Teodoro: Os filhos tomavam contato com a religião a partir de que idade?

Paulina: Recém-nascidos, eu acho. Porque a gente, desde pequeninhos, uma das primeiras coisas que a gente aprendia era dizer Pai e Mãe, Jesus, Giuseppe e Maria. E eles viam os pais sempre rezarem. Então, eles tomavam contato.

Teodoro: As orações eram ensinadas em italiano ou em português?

Paulina: Em italiano, em italiano. Depois, quando a gente começou a ir para o colégio..., e eu também achava que aquelas orações em italiano eram palavras meio sem sentido, que eu não sabia muito bem, então eu procurei aprender em português. Mas eles nos ensinavam as orações, catecismo, catecismo, porque quando nós rezávamos as orações não eram só as orações, já vinham os mandamentos, os sacramentos, as novíssimas. Tudo aquilo para nós eram orações diárias. Então, a gente sabia em italiano. Depois se aprendeu em português.

Teodoro: Em casa, quais os momentos que a família se reunia para rezar?

Paulina: Na minha casa a gente se reunia depois da janta, sempre. Depois da janta a gente se ajoelhava e rezava o terço. E com o terço já vinham as ladainhas e todas as outras orações. E podia ter lá gente que vinha fazer serão, ou se tinha os namorados, ninguém era dispensado. Todo o mundo ajoelhava ali, rezava o terço, todos juntos. O pai e a mãe puxavam o terço e todo mundo rezava junto.

Teodoro: Como eram esses momentos?

Paulina: Como eram esses momentos? Ah, de muito respeito. Se não não era por devoção, pelo medo dos pais, que Deus o livre se a gente faltasse o respeito ou criticasse, ou qualquer coisa, a religião. Então, era de muito respeito e acompanhava-se muito. Mas, ao passo que a gente foi crescendo..., se estudou e [se] conheceu melhor assim. Mas sempre foi de muito respeito a religião.

Teodoro: Como a Igreja participava na vida da família?

Paulina: A Igreja? Na minha família, graças a Deus, tivemos muita participação, porque o meu pai era carpinteiro, sempre trabalhava nas obras da igreja, construir a torre, construiu os bancos, construiu não sei o quê, então, sempre estava em contato com as obras da igreja e o vigário de lá era muito amigo do meu pai. Então, a gente tinha muito contato através dele. A igreja para nós era a segunda família, tanto é que eu me lembro bem, a gente ia pra escola, as primeiras frutas, uvas, coisas que se colhia, levava-se lá para o vigário também, ou para a mãe do vigário, ou para o pai do vigário, ou para o avô do vigário. Sempre se levava alguma coisa para eles. E as flores para a igreja. Era uma coisa que para nós a igreja era sagrada. Plantávamos as flores, a gente tinha que plantar bastante, porque, tinha que enfeitar sempre a igreja e o altar. Então, já era uma participação que a gente tinha um compromisso com a igreja.

Teodoro: Qual a importância do padre junto às famílias?

Paulina: Na minha família tinha muita importância o padre. Muita, porque ele era muito amigo do meu pai, porque o meu pai trabalhava muito lá. Então, se tinha um conhecimento, assim..., uma afinidade muito grande. Tanto é que meu pai, nós tínhamos na nossa casa, nós morávamos no alto

de um morro e lá tinha água muito boa e em abundância e ele fazia, fez uma banheira grande, primeiro uma e depois eu me lembro, quando eu já era maior, ele fez uma maior e lá os padres, lá em cima, sempre iam tomar banho. Vinham padres de fora, seminaristas e todos, eles iam lá tomar banho. Lá no *Jusfin*, que era o apelido do meu pai, porque lá tinha água boa e em abundância. Então, se tinha muita afinidade com os padres e eles procuravam também sempre ajudar a nossa família. Eles nos ajudavam com orientações. O meu pai sabia muita coisa dos banhos, mas era o padre que ensinava, viu. E eu gostei sempre muito de ler e estudar. Então, eles me emprestavam livros. Eu sempre ia na Canônica pedir livros emprestados. Eu não tinha possibilidade de comprar. Então, eu ia lá e sempre arranjava livros emprestados.

Teodoro: Como eram as missas no domingo?

Paulina: As missas? Bem, as missas eram bastante participadas. Não eram..., porque, por exemplo, as missas naquele tempo eram em latim, então a gente não entendia muito. Mas, tinha cantos, então a gente participava com os cantos. Depois tinha o sermão, que o sermão traduzia tudo o que era a missa. Então, a gente ficava entrosada, tomando conhecimento, e se valorizava muito a missa, muito, muito a missa. Na minha casa era muito difícil a gente faltar a missa, porque por exemplo, se alguém ia à missa primeiro, depois ia para casa, fazia o seu serviço no sábado para preparar que no domingo pudessem todos dar o intercâmbio assim, uns iam na primeira missa, outros iam na segunda, de tal maneira que ninguém faltasse o missa. E depois, muitas vezes, quando íamos pra casa, tínhamos que contar o sermão pros pais. É...

Teodoro: Após a missa de domingo o que fazia a família, os jovens e as crianças?

Paulina: Bom, após a missa, a gente ia pra casa e de tarde, às vezes, a gente saía a algum passeio, mas na minha casa era muito mais de receber gente do que sair de lá. Era um lugar bonito, então, bonito, inclusive, os jovens diziam, domingo de tarde, *Andemo lá su no Jusfin magnare fragole*. [vamos lá em cima no *Jusfin* comer morangos]. É que lá nós sempre tínhamos plantação de moranguinho, então, os rapazes e as moças vinham lá comer frutas e moranguinhos. E o meu pai tinha os binóculos e eles gostavam de aproveitar os binóculos. Era um ponto de reunião na minha casa, apesar que, nós éramos colonos, não se era rico, mas era uma família que recebia bem. Então, de tarde, quase sempre, tinha gente que ia lá em casa.

Teodoro: O que representava a missa de domingo?

Paulina: A missa de domingo tinha muita importância, porque perdendo a missa não se sentia o sentido da semana, da união com Cristo. A missa era um sinal do encontro com Cristo, e era o fim de semana. Era um prestar contas, era um encontro com Cristo. Eu, para mim, e na minha família,

era assim, faltando à missa a gente estava perdido, estava desorientado, não se tinha sentido, não tinha graça as outras coisas. O ponto importante era a missa. Se não se sabia bem, não sabia bem acompanhar a missa, porque naquele tempo se falava em latim, os livros que se tinha para acompanhar também não eram tão próprios, pois eram em latim. Mas a gente aprendia a dar valor. Se dava valor à missa, muito.

Teodoro: Como se preparava a festa do padroeiro? Como foi escolhido o santo padroeiro?

Paulina: A festa do padroeiro? Eu não me lembro, porque quando eu nasci já tinha o padroeiro [risos]. Eu ouvi dizer que antes de São Marcos, queriam botar o nome de São Miguel. Tanto é que ainda tinha a imagem de São Miguel lá na sacristia e que depois não foi usada, e agora está no museu lá na Paróquia de São Marcos. Mas eu sempre conheci só São Marcos e ainda continua, e eu não sei o porque que escolheram São Marcos. Pode ser que tenha havido alguma explicação, mas, certamente, o padre terá escolhido porque ele era muito devoto de São Marcos, e ele era muito estudioso, muito profundo, o Cônego [Henrique] Compagnoni. E ele gostava muito também de esclarecer os seus paroquianos. Era um padre que..., barbaridade! Ele vivia pela sua paróquia! Muito, muito.

Teodoro: Como eram escolhidos os fabriqueiros?

Paulina: Eu não sei lhe dizer como eram escolhidos, porque quando eu vi já tinha os fabriqueiros e depois renovavam ou eram ainda aqueles, mas não sei a maneira. Talvez os outros aqui saibam explicar, mas eu não sei daquele tempo. Depois, quando eu vim para Caxias, então, aqui nesta nova paróquia, era escolhido, os fabriqueiros com o vigário, e renovava, a cada três anos trocavam os fabriqueiros.

Teodoro: Como se comemorava o dia do padroeiro?

Paulina: Se comemorava, uma coisa importante, eu lembro que eles faziam uma visita em todas as casas da paróquia. Ia a bandeira de São Marcos, um grupo de pessoas e a banda. A banda acompanhava e tocava todo o dia. Visitavam todas as famílias de São Marcos. A banda tocando, as pessoas carregando a bandeira e entravam nas famílias para que a casa fosse abençoada com a imagem de São Marcos. E a família dava uma esmola e depois passavam para a outra família. Assim era preparada a festa. Também faziam, às vezes, novenas, mas poucas novenas. De noite alguma festividade na igreja.

Teodoro: Quais as atividades organizadas no dia da Festa do Padroeiro?

Paulina: Bom, uma das coisas que me lembro lá, sempre era o Padre Nosso, o vigário, ele primava para ter a missa bem cantada, que tivesse cantores bons. Ele mandava buscar, vinha gente daqui de

Caxias, porque naquele tempo daqui a São Marcos era longe, né. Mas ele procurava cantores, músicos e sempre se tinha uma coisa, eu me lembro agora de ouvir aqueles cantos da igreja que me treme, me dá até um arrepio embaixo dos pés, quando eles cantavam *Kyrie*, o *Creio*, tudo cantado em vozes maravilhosas. E era o vigário que ensinava a cantar. Então, primava muito pelos cantos. Pelos cantos, procissão, o jogo da tombola, o bingo. Então, de tarde o pessoal se reunia, jovens e pessoas todas se reuniam e jogavam o bingo, faziam a pesca, aqueles jogos de diversão, assim. Assim era...

Teodoro: E quem organizava a festa?

Paulina: Sempre eram dirigidas, quase, pelo vigário e um grupo, creio que eram os fabriqueiros, né, que ajudavam ali.

Teodoro: Falando em festa, o que mais lhe marcou nessas festas do padroeiro?

Paulina: Uma coisa que me marcou, que nunca esqueci, sabe o que foi? Foi a primeira vez de um leilão. Aquele leilão que põe objetos e dizem “quem dá mais” e vai adiante. Eu nunca tinha visto um leilão. Quando eu vi numa festa e que foi anunciado o leilão, que nós fomos no salão paroquial e fizeram um leilão de objetos, ah, eu achei uma novidade, uma coisa tão bonita, eu achei que era um progresso aquilo lá, viu?

Teodoro: Como as crianças eram preparadas para o dia da Primeira Comunhão e a da Crisma?

Paulina: Bastante bem preparadas. Creio, agora o sistema é bem diferente. Tudo é diferente, mas eu sinto que nós éramos mais bem preparadas do que as crianças de agora. Não sei se certas paróquias, ou tem outras maneiras. Eram muito bem preparadas, e, por exemplo, quinze dias antes da eucaristia, então, era todo o dia catecismo lá na paróquia e era o vigário que acompanhava, também na crisma. Era o padre que acompanhava. Antes era a catequista e assim. Mas eu acho que, aqui diz quanto ao catecismo, como é que eram preparadas as crianças na primeira comunhão e na crisma? Eu, por mim, acho que isso tem que preparar em casa em primeiro lugar. Começar com os pais, os pais. Eu, os meus, ensinei o catecismo e ensinei para muitos da vizinhança, o catecismo. Porque tem pais que reclamam: “Ah, o filho não sabe nada e já faz tantos anos que vai à aula e não aprendeu”. Não aprendeu, mas e a mãe? O que a mãe ensinou? Eu, por mim, acho que aquela mãe que não ensina, foge do seu dever de mãe. Porque na escola, assim, vai, aprende educação, aprende modos, aprende cultura, mas religião, oração, é a base, tem que ser da família. Minha mãe nos ensinava tantas orações em italiano. Anteontem fui visitar uma minha irmã que ela tem noventa e quatro anos. Ela está bem esclerosada, mas nós ainda perguntamos para ela “ [inaudível] tu te lembra ainda aquelas orações que a mamãe ensinava? Por exemplo, aquela da Quaresma ou da Semana Santa?”, e

ela disse: “*Si, si*, me ricordo”. Então, o filho disse: “Diz para ela rezar, que ela não sabe quase nada, mas essas orações da Quaresma e da Semana Santa, ela não falhou uma palavra, ela disse tudo, tudo em italiano”. Marcou tanto, gravou tanto, e a gente rezava aquela da Quaresma, quarenta dias e sem falhar. Porque ali não era de falhar um dia, viu, quarenta e seis *giorni* de Quaresma e *chi non la sa, la fa dire, ma senza* falhar um só *giorno*, né? E aquela da Semana Santa, três vezes por dia, sem falhar. E nós nos acostumamos e rezamos, até o dia de hoje. Nem sei se todos os meus irmãos rezarão tanto assim. Mas nós recebemos essa orientação, que eu acho maravilhosa, o que os nossos pais nos ensinaram.

Teodoro: Quais as lembranças do dia da Primeira Comunhão?

Paulina: O dia da primeira comunhão era um dia muito solene, muito solene. Está certo que um pouco a gente também pensava também no vestido, no sapato, alguma coisa, mas muito a gente lembrava o que era receber Jesus, muito. Muito, dava-se muita importância. E a mãe nos ensinava, ela era analfabeta, mas aquilo que ela sabia, ela transmitia com tanta fé, com tanto ardor que era impossível a gente não gravar.

Teodoro: Como a religião influenciou a sua vida?

Paulina: Bom, se eu lhe digo que desde pequena, desde pequena eu sempre tive assim muito amor na prática da religião, muita fé, muita fé. Na família se tinha o exemplo da prática. Na escola também, porque depois eu comecei a ir na escola das irmãs, lá em São Marcos, quando eu era grandinha. Mas o vigário foi o que estimulou muito o nosso conhecimento de religião. O nosso vigário, que era o Monsenhor Compagnoni. Ele orientava, ensinava, exigia, obrigava, de tudo a gente tinha que aprender, viu. Então, a gente aprendendo ficou gostando, porque eu acho que neste mundo ninguém ama aquilo que não conhece. A gente tem que conhecer para gostar. E conhecendo a religião a gente não pode não gostar. Então, por isso eu sempre tive muita vontade de conhecer, de estudar, de procurar livros também sobre religião e o padre também sempre me emprestava. Então, eu achava sempre que sem religião a gente não é vida, não se vive. Porque eu acho que nesta vida a gente tem que ter uma meta, um ponto a chegar, e este ponto a chegar... E este ponto a chegar é chegar a Deus. E para isso é preciso conhecer os caminhos. Então é preciso estudá-los também. Eu sempre gostei muito de estudar, de procurar, de conhecer, até agora e sempre na minha vida.

Teodoro: Em termos de religiosidade, a senhora poderia falar um pouco a respeito de religião?

Paulina: Religiosidade. O que eu entendo por religiosidade? Religiosidade é fé, é fé. A pessoa que tem fé procura viver a religião, procura conhecer, procura estudar, procura ter uma vivência, dar um exemplo. Isso é religiosidade. Religiosidade, mas firme sempre naquela primeira religião que

recebeu, né. Religiosidade não é, por exemplo, saltar de uma religião para outra. Aquilo é..., o que se diria perda de tempo, é desconhecer a verdadeira, a gente tem que conhecer a sua verdadeira religião, o seu ideal, a sua fé, e depois seguir dando exemplo com orações, com a vida, com a vivência e com a família. Isso é religiosidade, acho eu, não sei.

Teodoro: Qual a participação das mulheres nas atividades da igreja?

Paulina: A participação das mulheres..., aqui faz pensar, sabe? Porque a mulher sempre foi uma criatura mais..., como é que se diz?, mais delicada do que o homem, mais acessível, com mais facilidade também para ensinar, por isso que nós vamos ver as professoras, as catequistas, quase sempre é trabalho mais das mulheres. Não que digam que a religião é para as mulheres. Não, a religião é para todos, mas a mulher tem mais..., ela é mais acessível para ensinar, né? Então, elas vão tomando, tomando campo, tomando conta. Elas ensinam, elas estudam, tem facilidade para ensinar, para estudar. Se o senhor vai ver, para visitar doentes, para tudo isso tem mais jeito. Não sei se é mais jeito, mais amor, mas carinho, a mulher. Então, assim, elas vão tomando conta. Vejo que eu, por exemplo, aqui na minha paróquia, eu trabalhei desde que eu vim aqui, desde que cheguei aqui em Caxias, comecei logo a trabalhar na minha paróquia. Eu ali fundei congregações, quantas foram possíveis. No Apostolado da Oração eu fui presidente cinquenta anos e quantos movimentos que eu fazia parte e continuava, e organizava. Agora quase não posso caminhar, fico muito sentida, mas eu funciono pelo telefone, com correspondência, com cartas, com revista e continuo sempre. Eu tenho uma filha, que foi a Porto Alegre, e ela..., continua o trabalho que eu fazia aqui, até mais ela faz. E eu fico feliz da vida ver que aquela ocupou o meu lugar. Então, eu digo sempre: a mulher tem que ensinar, porque ela tem mais jeito, mais queda, e não dizer que não tem tempo, porque tempo tem quem quer. Para ensinar religião ou para aprender, quem quer tem tempo e acha tempo sempre, tanto o homem como a mulher. Os homens também. Eu, por exemplo, tinha o meu marido, que ele era conhecedor da religião mais do que eu, mais do que eu, e rezava e conhecia e entendia. Sempre lembro que uma vez, depois do Concílio, eu fiquei preocupada e dizia: “Barbaridade, todas essas novidades, pensei que iam cair fora metade dos padres e não sei o quê”, e, ele me dizia, “Não, não tenha medo, isso precisa de vez em quando dar uma peneirada, que fique o que é melhor. A religião se fortifica, se purifica, tem que ser assim”. Então, ele também era muito firme e me dizia sempre assim. Mas as mulheres, se elas querem se interessar pela religião, como elas se interessam pela política, pela indústria, essas coisas elas, que assumam a religião, que elas sabem muito bem. Parece que elas têm um coração mais humano para ensinar isso. Então, eu acho muito bom que as mulheres assumam alguma coisa na Igreja. Não precisa que elas sejam ordenadas padres, não. Elas que sejam ministras da eucaristia, que sejam da pastoral dos doentes, que sejam...,

todos os outros trabalhos, né. Que deixem o sacerdote, o Papa que pense para quem toca. Essa é a minha opinião.

Teodoro: Muito bom, está bem então.

Transcrição em: janeiro de 1996.

Por: Sônia Storchi Fries.

Revisão em: 23 de novembro de 2010, 06 de janeiro de 2025 e 13 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 26 minutos.

Observação: